

Antonio Candido e a recepção crítica de Jorge Amado e de José Lins do Rego em *Brigada ligeira*: resistências

Livia Fernandes Nunes¹

Resumo

Este trabalho analisa o modo como Antonio Candido formula a crítica de dois romances, *Terras do sem fim* (1943) de Jorge Amado, e *Fogo morto* (1943), de José Lins do Rego, verificando que valores estéticos, sociológicos e interpretativos são postos em destaque. Por meio do estudo de sua produção, sobretudo do livro *Brigada ligeira* (1945), constatamos que o método crítico de Antonio Candido, então em formação no referido livro, valida o contexto de produção e a biografia dos escritores, na medida em que condicionam a estrutura das obras; por isso, a qualidade na representação humana é um de seus critérios valorativos.

Palavras-chave: Antonio Candido; crítica e análise; Jorge Amado; José Lins do Rego.

¹ Acadêmica do curso de Letras/Português da UNIR/campus de Vilhena.

Antonio Candido and the critical reception of Jorge Amado and José Lins do Rego in the *Light brigade*: resistors

Abstract

This work examines how Antonio Candido formulates criticism of two novels, *Terras do sem fim* (1943), of Jorge Amado, and *Fogo morto* (1943), of José Lins do Rego, noting that aesthetic, sociological and interpretive values are put in the spotlight. Through the study of your production, especially of the book *Brigada ligeira* (1945), We found that the critical method of Antonio Candido, then in training in that book, validates the production context and the biographies of the writers, to the extent that affect the structure of the works; so, the quality on human representation is one of your criteria value.

Keywords: Antonio Candido; criticism and analysis; Jorge Amado; José Lins do Rego.

1 O pensamento crítico de Antonio Candido

Antonio Candido (1918-2017) é um marco na crítica literária brasileira, por analisar o texto literário com um método integrativo que considera aspectos intrínsecos – linguagem, estilo de escritor – e extrínsecos – biografia, contexto histórico de produção, em um momento de polarização metodológica nos estudos literários.

A crítica literária começa a se formar de maneira sistemática no Brasil por volta do século XIX, sob a luz de ideias deterministas, por meio das quais a arte é um campo social observado por um temperamento. Silvio Romero – cuja obra é objeto da tese de Antonio Candido apresentada ao Concurso da Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP – investiga o modo como a sociedade da época é representada na literatura em *História da literatura brasileira* (1888).

No século XX, um movimento surgido na Europa em prol da valorização do texto literário como objeto autônomo difunde as correntes críticas Formalismo Russo, Estruturalismo, Nova Crítica e Estilística pelo mundo ocidental. Em contato com novas ideias, Antonio Candido não só as apreende, mas também as amplia.

Para o crítico, uma análise literária íntegra deve examinar a obra em sua ampla e natural complexidade de produto autônomo que, de certa maneira, reflete um contexto social sob a perspectiva do escritor que pode ser mais ou menos aquém de sua realidade. Essa maneira corresponde a uma coerência centrípeta cuja intenção é refletir sobre o modo como ideologias atuam na estrutura e no sentido do texto. Por isso, Candido se vale de conhecimentos de diversas áreas das Ciências Humanas – como Antropologia, Ciências Sociais, Filosofia e Linguística – em suas críticas.

Só podemos entender [a obra] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 1965, p. 12).²

Ademais, Candido faz parte do grupo de intelectuais brasileiros que produziu, no século passado, críticas de romances que compuseram notas de rodapé de folhetins (LAFETÁ, 1974). Em 1945, reúne dez ensaios já lançados no jornal *Folha da manhã* e publica seu primeiro livro, *Brigada ligeira*, sobre o qual refletimos neste artigo, buscando compreender seu método crítico, então em formação, em face dos romances *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, e *Fogo morto*, de José Lins do Rego.

2 A recepção do romance modernista entre 1930 e 1940

Em *Brigada ligeira*, Antonio Candido estuda um conjunto de romances brasileiros (*Marco Zero*, de Oswald de Andrade, *A quadragésima porta*, de José Geraldo Vieira, *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, *Fogo morto*, de José Lins do Rego, *O resto é silêncio*, de Érico Veríssimo, *O amanuense Belmiro*, de Ciro dos Anjos, *A marca*, de Fernando Sabino, *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector,

² Optamos por utilizar a data da publicação original dos livros em todo o corpo do texto, identificada nas referências entre parênteses.

e *O agressor*, de Rosário Fusco) que, em sua concepção, representam a vida literária da década de 1940.

Candido apreende estilos e temáticas predominantes nos romances mencionados pouco tempo depois de terem sido publicados, evidenciando a coexistência de três tipos romanescos nesse período: os epigonistas, os progressistas e os renovadores. Percebemos, neste trabalho, que *Terras do sem fim* e *Fogo morto* compõem o primeiro tipo, e que a proposta do livro de ensaios, a contar pelo título, dialoga com o conceito de dominante de Roman Jakobson:

Devemos ter sempre em mente que o elemento que especifica uma dada variedade da linguagem domina a estrutura inteira e, assim, age como seu constituinte mandatário e inalienável, dominando todos os outros elementos e exercendo influência direta sobre eles.

[...] Podemos buscar um dominante não apenas no trabalho poético de um artista individual – e não somente no cânone poético, o conjunto de normas de uma dada escola poética – mas também na arte de uma determinada época, vista como um todo particular.

[...] A definição de uma obra de arte em comparação com outros conjuntos de valores culturais se altera substancialmente tão logo o conceito do dominante se torna nosso ponto de partida. Deste ponto de vista, um trabalho poético não pode ser definido nem como preenchendo exclusivamente uma função estética, nem exercendo uma função estética junto com outras funções; ao contrário, o trabalho poético é definido como uma mensagem verbal, cuja função estética é o seu dominante. (JAKOBSON, 1935, p. 3-6).

2.1 Sobre *Terras do Sem Fim*

A década de 1930 marca, para Antonio Candido, “um processo de desburguesamento”³, isto é, a revisão de valores sociais e estéticos que revela a contradição cultural e que consolida o gênero romance no país. Tendo em vista as mudanças na sociedade, devido à urbanização, à industrialização e ao êxodo rural, a classe menos abastada e interiorana passa a protagonizar na literatura (CANDIDO, 1987, p. 187).

Se, por um lado, o espírito popular, que vigorava desde a década de 1920, impulsiona a elaboração de novos meios de interação entre autor, público e obra – como o faz Oswald de Andrade com a ótica do burguês decadente; Graciliano Ramos, com a perspectiva analítica de sua classe; Rachel de Queiroz, com evidências do sofrimento do povo; e Ciro dos Anjos, com a ótica do pequeno burguês – por outro, alguns escritores continuam publicando obras de função puramente estética, representando um movimento que marca a década anterior.

Na década de 1940, Jorge Amado é considerado prócere de 1930. Entretanto, a obra de Amado só atinge maturidade a partir da publicação de *Terras do sem-fim*, em 1943 (CANDIDO, 1945, p. 48). No ensaio “Poesia, documento e história”, afirma que, diferentemente de *Cacau* (1933) e de *Suor* (1934), o tratamento poético e subjetivo do livro eterniza a humanidade captada pelo escritor, intensificada no romance *Mar morto* (1936).

O romance trata da disputa de duas potências rurais – família Baradó e coronel Horácio Silveira – pelo domínio da região de Tabocas (hoje, Itabuna, Bahia) no ciclo de cacau no nordeste. Enquanto alguns

³ A palavra “desburguesamento” alude à ideologia comunista que permeia a obra dos romancistas da “geração de 30”, mesmo daqueles que não se filiaram ao Partido Comunista do Brasil. Para Candido (1945, p. 47), “o romance começa, pois, a não ser mais romance para classe. É ainda de classe, porque os seus autores não podem se desprender da sua, burguesa”.

indivíduos esperam enriquecer se mudando para lá, outros, já cedendo à dinâmica hostil do lugar, cometem assassinatos, traições e injustiças que a mata do Sequeiro Grande, como uma das protagonistas, presencia.

A mata se aduba com sangue. Após o fim do conflito, o narrador conta que

[...] mesmo os agrônomos, que haviam estudado de cacau como ninguém, se espantavam do tamanho dos cocos de cacau produzidos, tão precocemente, por aquelas roças. Nasceram frutos enormes, as árvores carregadas desde os troncos até os mais altos galhos, cocos de tamanho nunca visto antes, a melhor terra do mundo para o plantio de cacau. (AMADO, 1943, p. 260).

O estilo de Jorge Amado é reflexo de coordenação e de profundidade advindas da força de imagens e da sugestão de palavras. Os personagens, sem psicologia, são caracterizados entre planos e, sem perder o caráter romanesco, são descritos com métrica, rima e metáfora (CANDIDO, 1945, p. 59). Paralelismos e anáforas reforçam a intensidade estilística que o escritor alcançou ao desprezar a improvisação, no capítulo “Gestação de cidades”:

Era uma vez três irmãs, Maria, Lúcia, Violeta, unidas nas correrias, unidas nas gargalhadas. Lúcia, a das negras tranças; Violeta, a dos olhos mortos; Maria, a mais moça das três. Era uma vez três irmãs, unidas no seu destino.

[...] Era uma vez três irmãs numa casa de putas pobres. Unidas no sofrimento, unidas no desespero, Maria, Lúcia, Violeta, unidas no seu destino. (AMADO, 1943, p. 109).

Terras do sem fim se destaca por ser formulado dialeticamente – do ângulo documentário, expondo e informando questões sociais pertinentes, e, do ângulo poético, vivificando poeticamente essas questões – como o método de Candido e por marcar a evolução na obra

de Jorge Amado, que consegue evoluir de um romance para outro mesmo se valendo de temas semelhantes (CANDIDO, 1945, p. 50).

2.2 Sobre *Fogo morto*

Superando a qualidade de representação humana da obra de Jorge Amado, José Lins do Rego cria situações anormais e seres em desorganização que propiciam tensões dramáticas dentro de uma atmosfera opressiva, trágica e angustiante. Assim, *Fogo morto* retrata personalidades planificadas, conforme classe social, em um contexto histórico correspondente à transição da escravatura para a abolição.

O romance é dividido em três partes, denominadas “O mestre José Amaro”, “O engenho de seu Lula” e “O capitão Vitorino”, nas quais os três “heróis” entram em decadência.

A primeira parte do romance conta a história de José Amaro, filho de um seleiro que fora bem-sucedido antes de fugir para o engenho de Santa Fé, por ter matado um homem, e agora é intimado pelo coronel Luiz César de Holanda Chacon (“Lula”) a abandonar suas terras. Por virar motivo de chacota pela cidade, sendo acusado de lobisomem, desenvolve sentimento de inferioridade, mas encontra paz na figura de Antônio Silvino, líder de jagunços:

Para ele [Antônio Silvino] só havia uma grandeza no mundo, era a grandeza do homem que não temia o governo, do homem que enfrentava quatro estados, que dava dor de cabeça nos chefes de polícia, que matava soldados, que fumava cercos, que tinha poder para adivinhar os perigos. (REGO, 1943, p. 128).

A segunda parte apresenta ao leitor a criação do engenho, o qual “dava os seus mil pães de açúcar, as suas sacas de lã, e tinha pasto para

as duas duzentas reses” (REGO, 1943, p. 198) com seu antigo dono, capitão Tomás. No presente, o engenho falira e seu filho Lula reage violenta e autoritariamente até começar a ter ataques epiléticos. O trecho a seguir anuncia seu declínio:

Chegou a Abolição e os negros do Santa Fé se foram para outros engenhos. Ficara somente com seu Lula e o boleiro Macário, que tinha paixão pelo ofício. Até as negras da cozinha ganharam o mundo. E o Santa Fé com os partidos no mato, com o negro Deodato sem gosto para o eito, para a moagem que se aproximava. Só a muito custo apareceram trabalhadores para os serviços do campo. (REGO, 1943, p. 232).

Para Candido (1945, p. 65), Vitorino Carneiro da Cunha ou Paparabo – como assim crianças lhe chamam – defensor dos pobres, é como um Dom Quixote brasileiro, um herói insano que vê o mundo conforme sua imaginação. Por ter parentesco com José Paulino, dono de muitas terras, considera-se capitão.

Os jagunços de Silvino parecem representar um protesto popular, na tentativa de contrastes sociais serem amenizados, de ideias semelhantes às d’*O manifesto comunista* (1848), de Marx e Engels. Vejamos as semelhanças.

Antônio Silvino galvaniza as populações oprimidas e todos se dedicam a ele – informadores, coiteiros, intermediários. Os que podem fisicamente, sonham em entrar para o bando. E desde o começo, até o fim do livro, o capitão Antônio Silvino e o seu bando estão presentes, atrás de cada ameaça, prontas para revidar toda injustiça. (CANDIDO, 1992, p. 66).

Os comunistas se distinguem dos outros partidos operários somente em dois pontos: 1) Nas diversas lutas nacionais dos proletários, destacam e fazem prevalecer os interesses comuns do proletariado, independentemente da nacionalidade; 2) Nas diferentes fases de desenvolvimentos por que passa a luta entre

proletários e burgueses, representam, sempre e em toda a parte, os interesses do movimento em seu conjunto. (MARX; ENGELS, 2005, p. 51).

A tônica social de *Fogo morto* condiciona a própria estrutura do romance, de maneira que personagens, tipos e símbolos possuem uma “extraordinária humanidade” (CANDIDO, 1945, p. 67).

Considerações finais

Ao analisar obras próceres de 1930 publicadas na década de 1940, Antonio Candido apreende uma suposta unidade do romance modernista brasileiro e percebe, por meio da análise de mudanças temáticas e formais das duas, que cada década possui um dominante estético, estilístico e contextual. Entretanto, por não refletir sobre elas de maneira desconexa, une diacronia e sincronia até na maneira como organiza *Brigada ligeira*, cuja ordem sugere uma evolução da literatura engajada à introspectiva ou renovadora.

Os romances *Terras do sem fim* e *Fogo morto* participam do grupo de obras tidas como epigonistas, isto é, das que representam a tendência que predomina no momento anterior ao contemporâneo da publicação. Além disso, não só o método crítico de Antonio Candido é dialético, mas também é a perspectiva criadora dos romancistas que têm em vista a consciência de transfiguração da realidade pelo condicionamento literário.

Com este trabalho, por fim, compreendemos como resistências tanto os romances – pela temática, pela linguagem e pelos fatores sociais a eles atrelados – quanto o método do crítico que, com o passar do tempo, continua se mostrando tão viável quanto capaz de realizar uma análise íntegra do texto literário.

Referências

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. (1943). Rio de Janeiro: Record, 2002.

CANDIDO, Antonio. Poesia, documento e história. In:_____. *Brigada ligeira*. (1945). São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

_____. Um romancista da decadência. In:_____. *Brigada ligeira*. (1945). São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

_____. A revolução de trinta e a cultura. In:_____. *Educação pela noite e outros ensaios*. (1987). 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. *Literatura e sociedade*. (1965). Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

DANTAS, Vinícius. *Bibliografia de Antonio Candido*. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

D'INCAO, Maria Angela, SCARABÓTOLO, Eloísa Faria. (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida*: ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Cia das Letras: Instituto Moreira Sales, 1992.

JAKOBSON, Roman. O dominante. (1935). In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. (1974). 2. ed. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. (1848). Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boi tempo, 2005.

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. (1943). Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

SCHWARTZ, Jorge (org). *Brasil 1920-1950: da Antropofagia à Brasília*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.